



Reflexões acerca da Etnobiologia e Etnoecologia no Brasil

Roque Ismael da Costa Güllich
(Organizador)

Roque Ismael da Costa Güllich
(Organizador)

Reflexões acerca da Etnobiologia e Etnoecologia no Brasil

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões acerca da etnobiologia e etnoecologia no Brasil [recurso eletrônico] / Organizador Roque Ismael da Costa Güllich. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-102-2

DOI 10.22533/at.ed.022190502

1. Ecologia humana. 2. Etnobiologia. I. Güllich, Roque Ismael da Costa.

CDD 304.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Etnobiologia um novo ramo da biologia que vem se consolidando com aporte na ecologia humana e na antropologia que tem como cerne a perspectiva etnográfica na sua constituição, ou seja: o conhecimento adquire fluidez a partir do campo empírico, da cultura, do diálogo entre saberes.

Assim, como vai sendo constituída vai se consolidando como Ciência, como campo de pesquisa e como prática. Basicamente primando pela pesquisa científica, pelo diálogo, mas acima de tudo pela escuta do sujeitos envolvidos nos processos, a Etnobiologia sugere a Ciência um novo contrato social e pedagógico. Este outro e diferente modo de pesquisar, ou seja, ouvindo, resgatando e dialogando com comunidades locais, afim de conhecer-na-ação, através de pesquisa participante e com isso comprometida socialmente e apropriando-se dos estilos do coletivo cultural que conhece e estabelece os processos cotidianos.

A perspectiva de pesquisa que se inicia através do conhecimento de realidades e se processa no embate com as discussões e sistematizações teóricas acadêmicas não se descuida, com isso, do método científico, mas aposta nele através de uma dimensão histórico-cultural, como forma produção e natureza do conhecimento científico.

A Etnobiologia além de fazer a escuta social dos coletivos de pensamento, das percepções humanas acerca da natureza que os rodeia e de perceber a dialética que a prática e a teoria possibilitam ler na perspectiva da práxis, toma para si a necessidade da ciência moderna de perceber o outro, que é o sujeito do conhecimento, e então apura-se no intento de ao pesquisar o sujeito do mundo cotidiano possibilitar a ele e a ciência o conhecimento da natureza e emanar desta relação as necessidades de se conhecer para preservar.

De posse dos etnoconhecimentos constituídos ao longo da história da humanidade a Ciência Biológica pode facilitar outros diálogos de saberes, em especial com a Cultura, com as Ciências e com a Sociedade, no que pese pela educação, ou seja, com o ensino de Biologia e Ecologia, pois interdisciplinaridade é um eixo na etnobiologia e assim, é também necessária a ela a interpersoalidade, pois é nela que se estabelece interação e diálogo.

Neste contexto, a Sociedade, as Instituições de Ensino e de Pesquisa ganham uma nova ferramenta a etnobiologia/etnoecologia como modo/forma de articular o que sabemos, aprendemos e ensinamos a partir da realidade das comunidades, resgatando o conhecimento local, educando pela pesquisa e ressignificando conceitos e práticas culturais a luz dos conhecimentos da(s) Ciência(s) na perspectiva da produção conceitual de conhecimentos biológicos/ecológicos.

Acredito que a deixa é esta, pois quando a Sociedade, a Cultura e as Ciências se reconhecem como modo de produção e moradia para o conhecimento, perceberemos novas relações tecidas no âmbito da cultura e convívio social, entendendo que a interlocução entre os diferentes sujeitos constitui pensamento e linguagem. Constroem-

se assim, novos saberes, novos diálogos, propósitos, projetos e práticas que nos (re)educam na interação entre cotidiano da experiência social, cultural e científica.

O livro que ora apresentamos está recheado de sentidos e significados em 14 diferentes capítulos que dispõe conhecimentos biológicos, ecológicos, culturais, narrativas, educação, meio ambiente, que com suas diferentes facetas compõe a Etnobiologia de um tempo presente, que respeita o passado cultural de nosso povo e prospecta cada vez mais um futuro científico multicultural.

Assim, a Etnobiologia vem ao encontro dos anseios sociais e científicos, com nuances e estilos que possibilitam performances outras, novas leituras e formas de ensinar, pesquisar, como fenômeno discursivo e de ação propiciado pela interação, pelo envolvimento que a ferramenta etno nos apresenta e nos faz apropriar. Com isso, cultura, sociedade, pesquisa, ciência, ensino e biologia/ecologia ganham em forma e (re)forma, com o desenvolvimento de possibilidades novas e outras neste advento contemporâneo: que se envolve e apercebe também da ética e da estética no contexto e argumento maior do planeta: a sobrevivência da Terra.

O livro é um convite ao diálogo entre distintos saberes, bem como uma coletânea de aprendizagens que ora se dispõe a leitura e crítica da comunidade científica e em geral.

Boa Leitura,

Prof. Dr. Roque Ismael da Costa Güllich

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FISHERMEN KNOWLEDGE ON BOTOS TO SUPPORT MANAGEMENT STRATEGIES IN THE MIDDLE TAPAJÓS RIVER, BRAZIL	
Marcelo Derzi Vidal	
Simone Athayde	
Mateus Ferreira de Moura	
Gisselly Poliana Santos Muniz	
Luiz Cláudio Pinto de Sá Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0221905021	
CAPÍTULO 2	16
DESAFIOS NA CONSERVAÇÃO DE SEMENTES CRIOLAS E NA PROMOÇÃO DA AUTONOMIA PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA	
Eliane Dalmora	
DOI 10.22533/at.ed.0221905022	
CAPÍTULO 3	30
LEVANTAMENTO DE ESPÉCIES VEGETAIS CULTIVADAS EM ROÇAS DA REGIÃO METROPOLITANA E ÁREA DE EXPANSÃO METROPOLITANA DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA	
Daiane Rodrigues dos Santos	
Iasmin Laiane Castro Oliveira	
Ilana Maciel Paulo Mamédio	
João Paulo Silva Vieira	
Mileide Santos Coutinho	
Adriana Rodrigues Passos	
DOI 10.22533/at.ed.0221905023	
CAPÍTULO 4	37
UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: NOVOS DESAFIOS PARA INVESTIGAÇÕES ETNOBIOLÓGICAS E ETNOECOLÓGICAS	
Érika Fernandes-Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.0221905024	
CAPÍTULO 5	52
CONHECIMENTOS ECOLÓGICOS DE COMUNIDADES TRADICIONAIS RIBEIRINHAS DO RIO SÃO FRANCISCO: CONTRIBUIÇÃO AOS PROCESSOS DE RETERRITORIALIZAÇÃO E À RESOLUÇÃO DE CONFLITOS AMBIENTAIS	
Ana Paula Glinfskoi Thé	
Cláudia Santos Almeida	
Mariana Moreira Fróis	
DOI 10.22533/at.ed.0221905025	
CAPÍTULO 6	59
O CONHECIMENTO DO SENSO COMUM DE UM GRUPO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA CRIMINAL DA PARAÍBA SOBRE OS INSETOS DE INTERESSE FORENSE EM LOCAIS DE CRIME	
Valéria Brito Franco	
Carla de Lima Bicho	
DOI 10.22533/at.ed.0221905026	

CAPÍTULO 7	66
OS POMERANOS E OS PRIMATAS NÃO-HUMANOS DE SANTA MARIA DE JETIBÁ	
Flávia Martinelli Maria Otávia Silva Crepaldi	
DOI 10.22533/at.ed.0221905027	
CAPÍTULO 8	81
MULHERES MBYA GUARANI: RECONHECIMENTO E PRODUÇÃO DE ESPÉCIES VEGETAIS UTILIZADAS TRADICIONALMENTE EM ADORNOS E CESTARIAS	
Kátia Mara Batista Vanilde Citadini-Zanette	
DOI 10.22533/at.ed.0221905028	
CAPÍTULO 9	84
ESTUDO ETNOECOLÓGICO SOBRE O RIO SANTA MARIA DO RIO DOCE: COMO DIFERENTES GERAÇÕES SE RELACIONAM COM O RIO	
Aline Araújo Vago Gabriel Paola Maia Lo Sardo	
DOI 10.22533/at.ed.0221905029	
CAPÍTULO 10	91
ENTRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: OS QUINTAIS COMO ESPAÇOS DE RECONSTRUÇÃO DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA EM IBIRITÉ, MINAS GERAIS	
Yan Victor Leal da Silva Geisa Gabriela da Silva Carine Silva Gonçalves Emmanuel Duarte Almada	
DOI 10.22533/at.ed.02219050210	
CAPÍTULO 11	108
AS MUITAS FORMAS DE ESINAR BOTÂNICA: DAS METODOLOGIAS À ETNOBOTÂNICA	
Roque Ismael da Costa Güllich	
DOI 10.22533/at.ed.02219050211	
CAPÍTULO 12	124
EDUCAÇÃO AMBIENTAL: NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
Eulina da Silva Lima Camila Iorrane Costa Santana Cheylla Jayna Silva Nascimento Leite Evellyne de Sousa Oliveira Carolina Pereira Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.02219050212	
CAPÍTULO 13	131
AVALIAÇÃO DA TOXICIDADE DO EXTRATO ETANOLICO DE <i>Turnera Ulmifolia</i> L. ATRAVÉS DO BIOENSAIO DE LETALIDADE FRENTE À <i>Artemia Salina</i> Leach.	
Gabriele de Sousa Meneses Orianna dos Santos Fabelina Karollyne Silva dos Santos Manuella Feitosa Leal Ana Carolina Landim Pacheco Marcia Maria Mendes Marques	
DOI 10.22533/at.ed.02219050213	

CAPÍTULO 14 143

NOTAS ETNOBOTÂNICAS SOBRE O USO DA CABAÇA, *LAGENARIA SICERARIA* (MOLINA)
STAND. NA ESPANHA

José Geraldo de Aquino Assis
Maria del Mar Gutierrez Murillo

DOI 10.22533/at.ed.02219050214

SOBRE O ORGANIZADOR..... 155

ENTRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: OS QUINTAIS COMO ESPAÇOS DE RECONSTRUÇÃO DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA EM IBIRITÉ, MINAS GERAIS

Yan Victor Leal da Silva

Mestre em Extensão Rural, UFV. Kaipora –
Laboratório de Estudos Bioculturais. yanvicctor@
gmail.com

Geisa Gabriela da Silva

Mestranda do Programa de Pós-Graduação
em Ciências de alimentos, UFMG. Kaipora –
Laboratório de Estudos Bioculturais

Carine Silva Gonçalves

Bióloga, Licenciada em Ciências Biológicas –
UEMG Unidade Ibirité. Kaipora – Laboratório de
Estudos Bioculturais

Emmanuel Duarte Almada

Biólogo, Doutor em Ambiente e Sociedade.
Professor do Departamento de Ciências
Biológicas, UEMG – Uniddae Ibirité. Kaipora –
Laboratório de Estudos Bioculturais

RESUMO: Esse capítulo faz uma reflexão sobre os fluxos da experiência humana vivenciados por migrantes no deslocamento da roça para a cidade. Por meio de entrevistas baseadas em história oral temática e anotações revisitadas em diários de campo, entrevistamos sete moradores de Ibirité, Região Metropolitana de Belo Horizonte - Minas Gerais (MG), Brasil. O trabalho demonstra que ao chegarem na cidade nossos sujeitos de pesquisa retomam memórias de tempos anteriores aos deslocamentos de seus lugares de origem. Mesmo diante do trabalho orientado pelo tempo disciplinado do

capitalismo industrial resiste os tempos e ritmos das práticas realizadas em quintais urbanos. Para além, da dicotomia rural e urbano, o trabalho encontrou elementos materiais e simbólicos, pertencimentos e afetividades que sinalizam os quintais como espaços de memória e territorialidade. A discussão aqui lançada questiona a dicotomia entre a roça e a cidade, na medida em que os depoimentos e os fazeres nos quintais coexistem em contraste com trabalhos e ritmos de tempos industriais. A memória afetiva e as experiências dos nossos sujeitos de pesquisa são constituídas de campesinidades nos indicando o papel dos quintais como espaço do domínio da vida na reconstrução das trajetórias e modos de vida dos diferentes sujeitos que habitam a cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Migração, Territorialidade e Modos de Vida.

ABSTRACT:

This chapter makes a reflection about flows of human experience, experienced by migrants in the displacement of the rural for the city. In the interview based in oral history thematic and written revisited in camp diaries. We interviewed seven residents of Ibirité, metropolitan region of Belo Horizonte – Minas Gerais (MG), Brazil. The work shows that when they arrive in the city, our research subjects remember memory before of the displacement of original places. Even

before the work oriented for time disciplined of industrial capitalism resist the times and rhythm of realize practices in urban backyard. Beyond, of dichotomy rural and urban, the work found elementary material and symbolics, belongings and affectivities that signal backyards as spaces of memory and territory. The discussion launched question the dichotomy between the rural and the city, in the insofar depositions and the activity in the backyard coexist in contrast with work and rhythm of industrial time. The affective memory and the experience of our research subjects constituted of peasantry telling us the paper of backyard as space of domain of life in reconstruction of trajectories and modes of life of different subjects that dwell the city.

KEYWORDS: Migration, Territoriality and Modes of Life.

1 | INTRODUÇÃO

Propor, hoje, uma narrativa sobre o campesinato parece ressoar, por mais fértil que seja a reflexão, o risco desse discurso não se sustentar em face de processos sociais de larga escala. O desenvolvimento do capitalismo e a modernização de mundo são processos sociais que expandem as fronteiras e enfraquecem os lugares (PORTO-GONÇALVES, 2006; ROLNICK, 2015). Em um ritmo acelerado de acumulação da produção material aliado com as transformações técnicas, utilizamos os recursos gerados até aqui pela humanidade de forma perversa e instrumental (SANTOS, 2008a). Mas, se é verdade que esse processo de expansão do moderno e hegemônico modelo de desenvolvimento capitalista guarda suas contradições, também se torna pertinente indagar sobre as diversas territorialidades que constituem a vida das pessoas em periferias urbanas.

Nos países da periferia do sistema-mundo, especialmente na América Latina, a *Revolução Verde*, iniciada nos anos cinquenta do século XX, é marco de um vertiginoso processo de modernização, consolidado neste início de milênio (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015). A adoção dos pacotes tecnológicos e a concentração de investimentos governamentais, aliada a proliferação de grilagens de terras e estabelecimento de grandes latifúndios, implicaram em um êxodo rural intenso nas décadas seguintes a de 1950 (DURHAN, 1978). A segunda metade do século XX foi marcada por uma inversão demográfica em grande parte dos países latino-americanos com esvaziamento populacional das zonas rurais e rápido crescimento dos centros urbanos (SANTOS, 2008b).

Essas populações que chegaram a periferia das cidades, além do desejo de melhores condições de vida, também trouxeram espécies animais e vegetais, saberes e memórias, bases para a configurações de seus quintais, espaços de resistência e reconstituição de seus modos de vida (CANDIDO, 1987; GOMES, 2009). Mesmo diante de um novo contexto econômico de acesso aos bens de produção essas pessoas não deixaram de plantar na cidade. O tempo e o ritmo das práticas agrícolas coexistem com

o tempo e o ritmo linear e cartesiano do trabalho nas fábricas (FELDMAN-BIANCO & HUSE, 1995b). Esse contraste nos coloca o desafio de descrever e compreender os quintais enquanto *invenções do cotidiano* (CERTEAU, 1990) dos moradores da cidade, o que implica necessariamente uma análise das memórias anteriores a migração e das relações de pertencimentos e afetividades presentes no cultivo desse espaço de vida.

A Etnoecologia vem apresentando um considerável avanço do ponto de vista epistemológico, metodológico e quantitativo em suas produções (TOLEDO & ALARCÓN-CHÁIRES, 2012). Entretanto, os estudos em áreas urbanas constituem um tema caro a ser pesquisado. Enquanto uma disciplina híbrida a etnoecologia está dramaticamente envolvida em desafios que exigem apreender com os sistemas de saberes, práticas e conhecimentos das pessoas em relação ao ambiente que vivem (ALMADA, 2010; MARQUES, 2001). Em um mundo que boa parte das pessoas se encontram nas cidades (GLAESER, 2014), torna-se fundamental pensar nos fluxos da experiência humana entre elementos materiais e simbólicos territorializados em lugares de vida (ALMADA, 2010; BARTRA, 2011).

Desde a sua origem a etnoecologia revela uma polissemia em sua definição conceitual (ALVES & SOUTO, 2010). Essa diversidade terminológica faz com que a etnoecologia não pertença apenas há um único campo do conhecimento. Debruçar sobre uma *Etnoecologia das Cidades* exige refletir sobre o meio urbano enquanto ecossistema complexo que é fruto de processos sociais e ecológicos que são espacializados em significados e sentidos, formando também um território símbolo para as populações humanas (ALMADA, 2010). Na cidade vicejam religiões afro-brasileiras, raizeiras, benzedeiras, parteiras, carroceiros, comunidades tradicionais e diversos outros coletivos com suas matrizes culturais e modos de vida que ocupam o concreto (MAGNANI, 1998).

Para se chegar a essa Etnoecologia das Cidades há que se passar inevitavelmente pelos quintais em periferias urbanas (ALMADA, 2010). Nesse trabalho, entendemos o quintal como espaço de vida *“em torno das residências, sejam elas rurais ou urbanas, que se encontram imediatamente ao redor da casa, prestando-se a diversas atividades da vida cotidiana, destacando-se o cultivo de espécies vegetais e criação de animais”*. (ALMADA & SOUZA, 2017, p.6). Em algumas regiões de Minas Gerais é comum nomear os quintais de *terrêros* que é onde ocorre as festas e brincadeiras do povo (POEL, 2013).

Os quintais nas periferias urbanas são verdadeiras ilhas de diversidade biocultural. São diversas as motivações e significados que permeiam as práticas em quintais. Tomaremos como foco os depoimentos que contam sobre as trajetórias de vida de sete moradores de Ibirité (MG), e que são migrantes de áreas rurais. Partindo dos depoimentos transcritos e sistematizamos é que buscaremos compreender os significados que enunciam a experiência vivida pelas pessoas na reconstrução de suas vidas após saírem de seus lugares de origem. E nesse sentido, analisaremos o papel dos quintais como espaço do domínio da vida na reconstrução dessas trajetórias.

Temos como pressuposto que a territorialidade é constituída de memórias afetivas e pertencimentos que se expressam no ambiente dos quintais.

Para essas reflexões, caminharemos a partir do que propõem teoricamente Garcia-Júnior (1989) e Feldman-Bianco & Huse (1995b), autores esses que indicam interpretações importantes para entender como as experiências anteriores as migrações são reconstruídas nas práticas cotidianas de fluxos migratórios. Demonstrando que as trajetórias de vida são complexas e que a saída da roça para à cidade não se resume a uma proletarização (WOORTMAN, 1990a). Pois, esse processo abarca fatores materiais e simbólicos que possibilitam as pessoas recriarem no presente - partindo de seus sentimentos - representações e práticas da realidade anterior aos deslocamentos (FELDMAN-BIANCO, 1995a), como também a saída de áreas rurais pode ser uma estratégia de reprodução camponesa (GARCIA-JÚNIOR, 1989; WEITZMAN, 2015).

Sob nossa perspectiva, o movimento migratório das pessoas leva de um espaço a outro experiências e sentimentos que transcendem fronteiras, mas que não deixam de expressar territorialidades (HAESBAERT, 2010). Ao cultivarem quintais em periferias urbanas as pessoas não estão apenas expressando nostalgias de um tempo relictivo vivido em um dado momento do espaço e do tempo (FELDMAN-BIANCO & HUSE, 1995b). Mas, recriando suas vivências anteriores a migração em um tempo que nem é mais rural como também não é urbano. A nosso ver esse tempo questiona a dicotomia entre o rural e o urbano, pois paradoxalmente coexistem nos depoimentos dos sete sujeitos de pesquisa aqui tratados passagens que mencionam experiências oriundas do *trabalho nos quintais* orientado pelas plantas e as estações do ano com o “*trabalho nas fábricas* marcado pelo tic-tac do relógio e as máquinas” (FELDMAN-BIANCO, 1995a, p.73).

2 | METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

A pesquisa foi realizada em dois bairros de Ibité – MG (Fig.1), Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH. A malha urbana de Ibité se junta a 34 cidades, o chamado colar metropolitano, que conservam práticas de horticultura e agricultura familiar camponesa (SIMÕES & OLIVEIRA, 2009, p.59). Em uma região de transição entre os biomas Cerrado e Mata Atlântica, o município abarca uma população estimada pelo IBGE em (2018), de 179.015 habitantes (IBGE, 2018). Uma parte do território de Ibité compõe também o Parque Estadual da Serra do Rola Moça com 945 hectares (IEF, 2007), tendo, em seu entorno, sítios de agricultores e agricultoras.

O processo vertiginoso de expansão urbana na RMBH está repleto de contradições. Com a especulação imobiliária a moradia passa a ser alvo do complexo imobiliário financeiro intensificando o processo de *gentrificação* dos grandes centros

urbanos (ROLNICK, 2015; TUBALDINE & RODRIGUES, 2000). Trata-se de um processo que altera a dinâmica das cidades na medida em que a supervalorização dos centros cria a noção da moradia como mercadoria e não como direito. Ibirité é exemplo de concretude dessa realidade, pois é construída em função da expansão urbana-industrial sob influência econômica de municípios vizinhos, como o de Belo Horizonte (capital mineira). Tendo como um dos efeitos desse processo a tomada das áreas de moradia pelo capital imobiliário financeiro, “gerando alterações no solo, substituindo e reduzindo às áreas de finalidades agrícolas” (SIMÕES & OLIVEIRA, 2009, p.55).

Mesmo com a crescente urbanização, Ibirité está territorializada de práticas agrícolas tendo como um de seus pilares econômicos a produção de alimentos. As áreas rurais em Ibirité vêm passando por mudanças, como nos alerta FERNANDES *et al*, (2012), trata-se de lugares que se destinam ao cultivo dos sistemas agroalimentares realizado por diversos sujeitos do campo. Nessa mesma área coexistem o trabalho de transição agroecológica com a produção agrícola convencional que utiliza agrotóxicos e pesticidas. E além disso, essas áreas de cultivo estabelecem fronteiras com a crescente atividade imobiliária e de mineração, configurando zonas de conflitos ambientais como resultado do aprofundamento das políticas neoliberais.

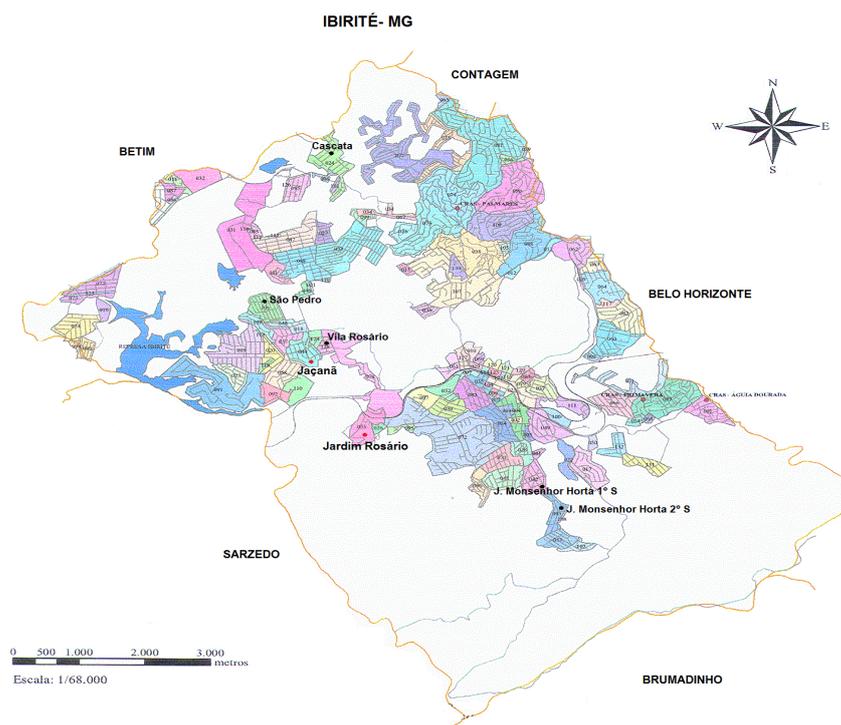


Figura 1: Localização dos bairros Jaçanã e Jardim Rosário em Ibirité (MG).

Fonte: Disponibilizado pela Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura Municipal de Ibirité (MG)). Primeiro semestre de 2015.

Em Ibirité realizou-se o trabalho de campo nos bairros Jardim Rosário e Jaçanã. A escolha das áreas de pesquisa justifica-se pelo fato de representarem regiões com formas de uso e apropriação do espaço claramente distintas. Os dois bairros

apresentam diferentes graus de urbanização, sendo o bairro Jardim Rosário composto por lotes relativamente grandes, em sua maioria com mais de 500m². Trata-se de um bairro mais antigo onde encontrou-se uma moradora que reside na comunidade há mais de 60 anos. As visitas demonstraram características de um bairro peri-urbano com estradas de terra, chácaras e criação de animais de grande porte. Registrou-se também que o bairro Jardim Rosário possui processos de ocupação da terra, com algumas famílias engajadas em discutir o valor de uso do espaço e a função social da propriedade.

O bairro Jaçanã apresenta maior adensamento urbano, com lotes menores e maior grau de impermeabilização do terreno. Em uma região mais urbana o bairro destaca-se por prestar serviços a comunidades vizinhas principalmente em função do centro comercial. Com alguns espaços tomados pela especulação imobiliária e o constante fluxo de pessoas que trabalham em áreas próximas. A dinâmica de moradia no bairro é mais fluída que o bairro Jardim Rosário, pois a demanda e o fluxo de circulação são maiores. Esses fatores intensificaram e demandaram novos olhares sobre os diferentes arranjos assumidos pelos quintais.

2.2 Coleta e análise dos dados

A escolha dos sujeitos de pesquisa é oriunda de um projeto prévio realizado nos quintais urbanos dos dois bairros mencionados anteriormente. Em um primeiro momento realizou-se um trabalho etnobotânico onde se registrou 378 espécies vegetais, que compõem a riqueza biocultural de 105 quintais dos bairros Jardim Rosário e Jaçanã. Em um segundo momento, identificamos aqueles moradores que migraram de áreas rurais e que detinham quintais que se destacaram pela elevada diversidade de espécies como *sujeitos-chave* (MACEDO, 2010). A partir desses critérios e com a disponibilidade de cada entrevistado realizamos sete entrevistas baseadas em *história de vida temática* com pessoas que migraram de áreas rurais. Essas entrevistas são o resultado do projeto de pesquisa: *Agrobiodiversidade Urbana: Compreendendo os quintais como sistemas sócio-ecológicos*.

Esse projeto orientou-se pelos pressupostos teóricos do método de análise qualitativo. Não realizamos uma pesquisa de amostragem que demandava testar os pressupostos teóricos em alguma medida. Para compreensão dos depoimentos e práticas desempenhados pelas pessoas em seus quintais utilizamos como instrumento metodológico a *história oral temática* entendida como uma subcategoria do método *história de vida* (MEIHY & RIBEIRO, 2011; THOMPSON, 1992). A história oral temática adota roteiros em sua condução para delimitar os temas a serem abordados durante as entrevistas (BONI, 2013).

Dessa forma, realizamos sete entrevistas abertas de história oral temática. Durante essas entrevistas os sujeitos da pesquisa contaram parte de sua história de vida, e foram feitas algumas perguntas sobre a trajetória que se iniciou na roça em um

movimento migratório para às cidades. Essas entrevistas foram conversas gravadas e transcritas e depois analisadas e interpretadas a partir de bibliografia pertinente, sendo fiel ao depoimento dos sujeitos da pesquisa (BECKER, 1993; MACEDO, 2010). Durante as transcrições tivemos o cuidado de integrar a totalidade oral da fala desses sujeitos, gerando um rico material bibliográfico de 171 laudas.

Por meio dos depoimentos contados foram registrados fatores como trajetórias de vida; saberes e práticas; rede de relacionamentos entre ser humano/ ser humano; ser humano/ vegetal; construção dos saberes ecológicos e sua circulação. Somou-se a isso a descrição minuciosa dos sentimentos e crenças sobre o manejo e emprego das espécies cultivadas, ou seja, um conjunto de informações e experiências que sinalizam a multivocalidade de significados construídos e transmitidos no cotidiano dos quintais.

A análise consistiu em um agrupamento categórico dos depoimentos, bem como cruzamento de dados transcritos com impressões e indagações registradas e revisitadas em diário de campo (MACEDO, 2010; CAMPOS, 2002). A partir do agrupamento categórico desses depoimentos elegemos duas categorias de análise a serem apresentadas nesse capítulo. [1] A primeira delas é ligada aos fluxos da experiência vivida na trajetória entre a roça e a cidade que tem o paradoxo do trabalho como fator chave. [2] A segunda categoria, trata-se dos significados, pertencimentos e afetividades que as pessoas desempenham no cultivo dos quintais.

O projeto de pesquisa desenvolvido foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, sob o registro 48366015.1.0000.5525. Para todos os entrevistados foi fornecido um Termo de Consentimento Livre Esclarecido, cuja concordância foi registrada por meio de assinatura ou verbalmente. Essas entrevistas foram realizadas entre julho a dezembro de 2015.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Os fluxos da experiência: ritmo de trabalho nos quintais e o ritmo de trabalho na fábrica

Os sete sujeitos dessa pesquisa apresentam um histórico processo de migração a partir de zonas rurais até a cidade de Ibirité/MG. Essas migrações foram fluxos realizados entre estados e municípios com diversas escalas. Os depoimentos demonstram que as migrações não se resumem a uma saída da roça para às cidades encerradas em si mesma (GARCIA-JÚNIOR, 1989). Mas, trata-se de um complexo de experiências vividas em diferentes escalas, lugares e tempos (WEITZMAN, 2015). Experiências que tomam o trânsito entre a roça e a cidade de forma contínua e relacional.

As experiências contidas nos depoimentos demonstram três momentos inter-

relacionados que gravitam em torno da noção de trabalho. O primeiro deles é o *trabalho na roça* ligado a terra e ao cultivo agrícola realizado como meeiro em empreitadas para fazendeiros. O segundo é o *trabalho na fábrica*, esse experimentado no momento pós a migração. E ainda um terceiro momento que coexiste com o segundo que é o *trabalho do quintal* que sendo o trabalho do cultivo de plantas é um trabalho empregado em tempo livre com uma satisfação pessoal. Vejamos essas noções em três depoimentos respectivamente:

Roça, sabe o quê que é roça? capina, carpi, enxada, machado, foice. Cê saía 6 horas da manhã chegava lá em cima no alto bebendo água de cabaça rapaz, e comendo feijão preto mexido com farinha e canjiquinha pura, isso é vida? Isso é vida? Não, eu estou vivendo aqui e é agora.

José Geraldo - 11/09/2015

Já trabalhei da época que eu vim do interior pra cá, eu já cheguei situação de pegar serviço 7hs da manhã trabalhar o dia inteiro a noite inteira o outro dia o dia inteiro até uma hora da manhã entendeu, e ai no outro dia tá lá às 5hs-6hs saindo de casa pra pegar serviço de novo Cê entendeu.

Ivan Alves- 21/08/2015

Eu já sai da roça com esse objetivo na minha mente eu quero conseguir uma casa com um quintal grande e planto muito banana nesse espaço Cê entendeu, então é esse que é o meu objetivo, então eu tinha muito medo de não conseguir um espaço com quintal. [...] Trabalho no meu próprio quintal hoje, hoje eu uso o próprio quintal pra morar, trabalhar e mais as minhas plantaço e mais as minhas criação né, igual sê viu ai até cavalo tem ai no quintal.

Ivan Alves- 21/08/2015

Essa relação entre roça e cidade nos depoimentos de Seu José Geraldo e Seu Ivan aparecem como representações, mais também como algo vivido na prática social de tempos passados. O primeiro depoimento, de Seu José Geraldo, faz menção ao trabalho realizado em tempos anteriores a migração. De um modo muito peculiar, esse depoimento nos exige superar o dualismo que romantiza roça e demoniza a cidade. Ao contar sobre o trabalho realizado para fazendeiro no vale do Mucuri em Minas Gerais, para além do trabalho árduo com a “capina, feito com carpi, enxada, machado e foice”, Seu José Geraldo menciona um contexto em que estava privado de diversas questões materiais. Lembrar da roça para ele coloca em questão as dificuldades e ausências de elementos fundamentais para a reprodução da vida, ao passo que a migração para à cidade - ainda que em condições de pauperização - apresentou-se como uma estratégia de reprodução material e espiritual da vida (GARCIA-JÚNIOR, 1989).

Outra dimensão importante ligada ao trabalho foi a mencionada por Seu Ivan. Em momento posterior a migração Seu Ivan diferencia o *trabalho do quintal* do *trabalho na fábrica*. Após ter migrado de Mantena (MG), cidade onde nasceu, Seu Ivan vivência outras formas de trabalho, sendo uma delas experimentada no trabalho terceirizado para a mineradora Vale. Contudo, esse trabalho da fábrica coexiste com um outro

trabalho que é realizado no quintal. Mesmo migrando da roça o depoimento de Seu Ivan ressalta a preocupação de ter o quintal como espaço de trabalho e reinvenção de seu modo de vida.

O trabalho realizado por Feldman-Bianco & Huse (1995b) é pertinente, pois a antropóloga escreve sobre a trajetória de vida dos portugueses que possuem uma origem rural e que migraram para o norte da América. Se valendo da história de vida contada e de métodos imagéticos na pesquisa antropológica, Feldman-Bianco & Huse (1995b) nos revela que em face de um cenário de industrialização esses imigrantes reatualizam suas memórias vivenciando ritmos de trabalhos diferentes. O “ritmo de trabalho da horta” onde as práticas cotidianas são orientadas pelas “plantações e as estações do ano” (FELDMAN-BIANCO, 1995a, p.73), coexistem em contraste com o “ritmo de trabalho nas fabricas”, onde as ações são orientadas pelas “prensas e o tic-tac do relógio” (FELDMAN-BIANCO, 1995a, p.73). É nessa coexistência do tempo vivido na roça com o tempo disciplinado do capitalismo industrial nas fábricas (THOMPSON, 1998) que as pessoas encontram formas de recriarem suas memórias em um fluxo que está para além do espaço e do tempo (BARTRA, 2011; WEITZMAN, 2015).

A presença dos quintais no cotidiano das pessoas é resultado do movimento migratório expresso em seu sentido mais forte na saída do campo para às cidades. Porém, os quintais não representam meras nostalgias ou saudosismos do passado vivido. Mas, um espaço de vida que faz parte da experiência dos nossos sujeitos de pesquisa. São os quintais espaços do domínio da vida que materializam memórias e sentimentos em uma dinâmica de mudanças (FELDMAN-BIANCO, 1995a). É na relação entre o espaço rural e o urbano, mais também entre o passado e o presente que o cotidiano dessas pessoas se recriam com lembranças que reconstróem suas relações com plantas e animais no cultivo de seus quintais (WEITZMAN, 2015). Como exemplifica o depoimento de Patrícia esposa de Seu Marco Porfírio: “É tão bom a gente ter umas plantas, porque essas planta ali pra mim foi um retorno a vida que eu quase perdi né, então eu olho pras planta e eu vejo a minha vida ali, uma vida que Deus me deu de volta”. (Patrícia, 28/08/2015).

O tempo vivido e produzido nos quintais não é o tempo das máquinas, mas o tempo dos sistemas vivos. É um tempo cíclico, regenerativo, que foge a um sistema de controle disciplinado do capitalismo urbano e industrial (CRARY, 2014). Esse sistema na perspectiva de CRARY (2014), representa um modo de vida no capitalismo tardio que percebe o sono e o descanso humano como desperdícios. Esta visão implica no controle do tempo de vigília associado ao aumento de privação do sono, em um mundo onde estamos todos permanentemente conectados e em que o tempo não dedicado ao consumo ou a produção é visto como inútil e um mal a ser combatido (ALMADA & SOUZA, 2017). Os quintais, neste contexto, anunciam e permitem um conjunto de práticas e representações ligados às *campesinidades* (CAVALIERE, 2012), que se diferenciam dos tempos e espaços construídos pelo projeto urbano-industrial capitalista (ALMADA, 2010; WOORTMAN, 1990b).

Os depoimentos de memória colhidos em trabalho de campo indicam que os fatores que compõem o ritmo do tempo dos trabalhos em quintais são o *saber fazer* associado a *fases lunares, plantas de proteção, épocas de plantio, plantas medicinais e hortaliças tradicionais*. Essas relações que os atores exercem no cultivo dos quintais contribuem para alimentação, saúde popular e rituais religiosos. Vejamos essa constatação nos depoimentos abaixo:

Tudo que dá na terra, fruta na terra e fora da terra cê planta na mingunte. Tudo que vai dar rama, folha, essas coisa, cê planta na nova. A lua mais forte que tem é a lua nova, a lua nova é a mais forte que tem. Se ocê plantar abobra na lua nova ela vai nascendo e já começa a dar bicho. Dá bicho e cê não colhe as abobra. Se ocê plantar feijão na lua nova, ele dá muita rama e não dá vagem quase nenhuma. Se ocê plantar o milho a mesma coisa. Cresce, cresce, cresce, cresce e não dá grão quase nenhum, entendeu. Qualquer planta que cê plantar na lua nova fica bonito de ramo, mas não produz bem não.

José Zacarias - 14/09/2015

Assim tudo que o espaço dava pra plantar tinha. É igual assim, eu sempre falo graças a primeiramente a Deus depois as árvores frutífera que tinha no quintal, que nessa época igual eu volto a dizer do índice de desemprego que era altíssimo, o que matou a nossa fome foi o abacateiro né, banana, uva, limão, pé-de-pau-doce, laranja, Mexirica, Goiaba, Romã e ai vai dentro do lote. Então, assim, e além das plantação tinha galinha também. Minha mãe cuidava muito de galinha cuidava dos porcos também, então essa forma que a gente aprendeu. Então assim, não podia na cidade grande muita coisa, mas tinha um pouquinho de cada coisa entendeu.

Marco Porfírio - 28/08/2015

Então é isso que muitas vezes ocorre da pessoa desamina, às vezes têm medo das raízes por causa disso, porque a raiz tem a época certa de cê tá colhendo, o jeito certo de você tá fazendo o chá né o infuso.

Adolfo dos Santos - 15/07/2015

Ostrês depoimentos são realidades empíricas que apontam para a multivocalidade dos quintais na cidade de Ibitité (MG). Mas não apenas isso, eles também revelam fatores importantes como o tempo da lua para plantio, estações do ano, cosmologias que como afirma Senhor José Zacarias e Seu Adolfo dos Santos são pertinentes para o cultivo das plantas e formas de uso com finalidades terapêuticas.

Essa relação histórica que as pessoas desempenham com os quintais é constituída em tempo e espaço outros que não se resumem ao rural e ao urbano. O depoimento de Seu Marco Porfírio recorda dos quintais como lugar importante em sua trajetória de vida, pois o quintal em sua vida garantia a conquista do direito à alimentação (ALMEIDA, 2016; OAKLEY, 2004). São as relações com plantas presente em quintais que marcam a memória das pessoas em temporalidades que se prestam ao domínio da vida (Fig.2).



Figura 2: Diversidade na forma de plantar no tecido urbano.

Fonte: Foto realizada pelo autor em visita ao quintal de Dona Maria no dia 12/08/2015.

A coexistência do trabalho da fábrica com o trabalho dos quintais, experiências essas impregnadas na trajetória de vida das pessoas entrevistadas, nos possibilitam refletir sobre o debate entre campo e cidade. Pois, essas pessoas que vieram de áreas rurais passaram pelo trabalho das fábricas realizando um trabalho automatizado disciplinado pelas mercadorias e o tempo do capitalismo industrial (THOMPSON, 1998). Em contraste com esse tempo indústrial, convive o tempo do deleite, que se passa livre, o descanso, os cuidados e as satisfações, a vinculação das experiências humanas à fenologia das plantas, o espaço de brincadeiras e encontros (ALMADA & SOUZA, 2017). Como avaliado por Feldman-Bianco (1995a) o ritmo do trabalho na horta, é um tempo das “representações simbólicas”, mas também da “reinvenção de práticas sociais anteriores a migração” (p.84).

Paradoxalmente, ao reconstituírem em seus quintais o mundo anterior a migração nossos sujeitos de pesquisa retomam seus modos de vida apreendidos no passado. E além disso, nos indicam os quintais como lugares de r-existência ao tempo do capitalismo tardio que considera aquilo que não é dedicado ao consumo e a produção como plenos desperdícios em vias de extinção (CRARY, 2014). Os quintais aqui estudados são espaços de vida fundamentais para a reconstrução dos modos de vida nos deslocamentos que os sujeitos fazem entre a roça e a cidade.

3.2 Os Quintais como lugares de pertencimento e afetividades

Até aqui demonstramos o contraste entre os ritmos de trabalho na fábrica e o ritmo de trabalho nos quintais, paradoxo esse presente na memória e trajetória de vida

dos nossos sujeitos de pesquisa. Entendemos que essa compreensão aponta para outra reflexão importante visto que esses depoimentos e práticas sociais realizados pelas pessoas em seus quintais acionam diferentes significados. Desse modo, para compreender a espacialidade humana que nos quintais se manifestam lançaremos mão sobre a interpretação de Haesbaert (2010).

Na perspectiva desse autor, os efeitos do processo de expansão do moderno e hegemônico modelo de desenvolvimento urbano e industrial capitalista não avançou em termos de desterritorialização. O conceito de desterritorialização esconde - na interpretação do autor - um outro processo que incorpora pertencimentos, afetividades e significados nessa relação do ser humano com o espaço (HAESBAERT, 2010). Esse processo é entendido como “multiterritorialização” (HAESBAERT, 2010, p.32). A multiterritorialização revela que em face da urbanização completa da sociedade como já apontado por Lefbvre (2008), temos ao invés da desterritorialização um fenômeno simultâneo de multiterritorialidade compondo fatores relacionais e complexos que se expressam em diferentes escalas, maneiras e sentidos no espaço e no tempo (HAESBAERT, 2010).

Dialogando com a noção reflexiva de territorialidade propomos interpretar os quintais como a expressão de uma identidade territorial acionada em momentos posteriores a saída do lugar de origem (HAESBAERT, 1999). A memória do lugar de origem é *territorializada* nos quintais por meio dos significados, afetividades e pertencimentos que os sujeitos de pesquisa atribuem aos quintais cultivados depois dos deslocamentos (REIS, *et al.*, 2018), e também pelas práticas sociais que os quintais mobilizam. Nesse contexto, os quintais para as pessoas não funcionam apenas como espaço de finalidades utilitárias, mais também como meio de uma inter-relação da memória afetiva de tempos passados com a reconstrução simbólica dos domínios da vida no cotidiano do tempo presente (BRANDÃO, 1995; CERTEAU, 1990).

O manejo de plantas em quintais aciona memórias e experiências vividas em momentos vivenciados nos lugares de origem. Essas recordações são reatualizadas em um passado presente que está materializado nos quintais. Como nos indica nossos sujeitos de pesquisa essas memórias assumem o aspecto intergeracional atravessando fronteiras. Nas valiosas contribuições de Dona Marina e Seu Marco Porfírio, temos:

Porque igual tem um pau, uma planta assim, o chamado barbasso, cunheço, mais não sei pra quê que serve. Eu já esqueci, tem muitos anos atrás né. Só que meu pai morreu tem 24 anos. Num lembro mais nada, acabou, esqueci foi junto com ele.
Marina dos Santos – 25/08/2015

O que meu avô me ensinou, o que meus pais me ensinaram, também passo pro meus filhos. Ensinar eles aprender a amar as plantas né, assim como nós devemos pagar o dízimo eu sempre falo com eles, a gente também tem que pagar o dízimo da terra né, porque meu avô sempre falava quando ele veio aqui pela primeira vez: ‘oh meu filho, você tem um local muito bom, uma terra muito boa, mas nunca esquece do dízimo da terra’. O dízimo da terra, ‘como que eu vou pagar o dízimo da terra’?, ele diz: ‘não, meu filho, das suas plantaçoão você deixar alguma coisa,

o fruto para os pássaros também se alimentar, porque você também tá 'tomando' espaço dele se alimentar (...)"

Marco Porfírio - 28/08/2015

Os dois depoimentos acima enfatizam a herança de saberes e práticas que são transmitidas entre gerações. Porém, esses saberes se manifestam em sentidos diferentes. O depoimento de Dona Marina fala do saber fazer relacionado a uma planta (barbasso) que como ela nos lembra esse saber foi junto com seu pai. A morte do seu pai interfere na transmissão do saber. Pois, sua lembrança guarda o sentimento e a vontade de aprender sobre algo que se passou em um dado momento de sua vida.

De forma diferente o depoimento de Marco Porfírio indica a devoção em passar para os filhos o que aprende com seus pais. O amor pelas plantas, algo muito presente na trajetória de Marco Porfírio, é um saber experimentado no fazer, sendo constantemente realizado junto de seus três filhos. Embora, em alguns casos as pessoas não consigam se lembrar de saberes e práticas de momentos anteriores a saída de seus locais de origem, nos chama atenção o fato de existirem sentimentos que motivam os atores a transmitir para os outros o que receberam de seus pais.

Esse fator também foi percebido por Brandão (1998), ao estudar sobre a memória ligada ao Sertão de Minas Gerais, especificamente ao entrevistar Manuelzão personagem de Guimarães Rosa (BRANDÃO, 1998). Como indica Brandão (1998), as narrativas das pessoas são permeadas de uma noção de destino que a partir de cenários e do ambiente vivido busca-se a continuidade dos sonhos das gerações anteriores, não só buscando a continuidade do que foi realizado, mas também daquilo que não foi realizado (BRANDÃO, 1998).

A nosso ver os sentimentos que atravessam fronteiras consiste em um ponto chave das territorialidades dos quintais (REIS, *et al.*, 2018). Pois, essas pessoas estão acionando memórias, saberes e práticas em um processo que transcende espaços e temporalidades do domínio da vida. Os pertencimentos, afetividades e os processos bioculturais que constituem os quintais guardam uma força dinâmica e criadora (FELDMAN-BIANCO, 1995a), que permite as pessoas não apenas reportarem ao passado, mais reconstruírem seus espaços de vida no presente atualizando as práticas e simbolismos. Os quintais dessa forma acabam por questionarem a dicotomia entre a roça e a cidade, bem como o dualismo entre passado e presente (BRANDÃO, 1998; WEITZMAN, 2015).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho demonstrou como as experiências humanas apresentam ritmos e tempos diferentes expressados em contextos diferentes do espaço e do tempo. O “trabalho na fábrica”, coexistindo em contraste com o “trabalho no quintal” tem suas especificidades apontando que a identidade desses atores sociais é múltipla,

relacional e demanda ser compreendida na dinâmica transterritorial. Essa interpretação demonstrou como a memória de momentos anteriores a migração resiste a processos de homogeneização dos modos de vida, retomando e ressignificando saberes e práticas no cotidiano dos quintais.

Os depoimentos dos sujeitos de pesquisa aqui estudados nos revelam os quintais como espaços de vida que guardam pertencimentos e afetividades, sentimentos esses que indicam a territorialidade dos quintais. Para além da retórica da perda, esses saberes e práticas aprendidos e experimentados no cotidiano dos quintais são reatualizados assumindo constantemente novos arranjos e sentidos. São os quintais lugares que as pessoas possuem para reconstruírem seus modos de vida depois de saírem de seus lugares de origem. Os quintais nas periferias urbanas são lugares que retomam o elo entre tempos e espaços do domínio da vida. É através da dinâmica cotidiana dos quintais que nossos sujeitos de pesquisa resistem ao tempo cartesiano e disciplinado das cidades.

5 | AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos sete sujeitos de pesquisa das comunidades Jaçanã e Jardim Rosário - Ibitaré (MG), por nos receberem em suas casas e nos ensinarem sobre seus quintais. A pesquisa foi realizada pelo grupo KAIPORA – Laboratório de Estudos Bioculturais. Para a realização do trabalho contou-se com o apoio dos editais PAPq e PAEx- UEMG (2014-2016).

REFERÊNCIAS

ALMADA, Emmanuel Duarte. “Sociobiodiversidade Urbana: por uma etnoecologia das cidades”. In: ALBUQUERQUE, U.P. (org.). **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. São Paulo: NUPEA/ Sociedade de Etnobiologia e Etnoecologia. 2010, v.5 p. 1-25.

ALMADA, Emmanuel Duarte & SOUZA, Mariana Oliveira e. “Quintais como patrimônio biocultural”. In: ALMADA, E.D e SOUZA, M.O (orgs). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: EdUEMG, Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p.15-29.

ALMEIDA, Daniela Adil, Oliveira de. **Isto e aquilo: agricultura e produção do espaço na região metropolitana de belo horizonte**. 2016. 438f. Tese de Doutorado em organização do espaço – Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves & SOUTO, Francisco José Bezerra. Etnoecologia ou Etnoecologias? Encarando a diversidade conceitual. In: Alves, AGC, Souto FJB & Peroni N (Org.) **Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação**. Recife: NUPEEA, 2010. p. 17-40.

BARTRA, Armando. **Os Novos Camponeses: Leituras a partir do México profundo**. Tradução: Maria Angélica Pandolfi. São Paulo: Cultura Acadêmica, Catédra Unesco de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “O sentimento do mundo: memória, destino e cenários da vida entre errantes mineiros”. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **As faces da memória**. Campinas -SP:

Centro de Memória Unicamp, 1995. p.61-84.

_____. **Memória Sertão: Cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**. São Paulo: Editora Uniube, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987

CAVALIERI, Lúcia. **Quintais camponeses: usos, gêneros e territorialidades**. VI Simpósio sobre Reforma Agrária e Questões Rurais. Universidade de Araraquara, 2012.

CRARY, Jonathan. **24/7 – Capitalismo Tardio e os Fins do Sono**. São Paulo: Editora Cosac Naify. São Paulo, 2014.

BECKER, Howard Saul. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec., 1993.

BONI, Marcela. História oral temática particularidades metodológicas. Fala escrita: pesquisa, documentação, história oral e memória. 2013 Disponível em: <<https://falaescrita.wordpress.com/2013/01/29/historia-oral-tematica-particularidades-metodologicas/>[Consulta: novembro, 2017].

CAMPOS, Marcio D’Oliveira. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis-RJ: Ed. VozeS, 1990.

DURHAN, Eunice Ribeiro.R. **A Caminho da Cidade: A vida rural e a migração para São Paulo**. Editora Perspectiva, São Paulo 1978.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **Reconstruindo a saudade portuguesa em vídeo: Histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnológica**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n.2, p.73-86. 1995a.

_____. & HUSE, Donna. “Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções de identidade feminina na intersecção de culturas”. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **As faces da memória**. Campinas: Centro de Memória Unicamp, 1995b. p.25-60.

FERNANDES V.A; SILVA, L.F; MESQUITA, T.R.R; CAPETTINI, L.S.A; RODRIGUES, A.L.P; SANTOS, S.L “Uso de pesticidas na agricultura – Análise da prática em Ibité/MG.” Belo Horizonte: **Scientia Plena**, n.3, V.8, P.1-6, 2012. Disponível em: <<http://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/926/482>>. Acessado em 04 maio.2016.

GARCIA-JÚNIOR, Afrânio. **O Sul: caminho do roçado: estratégia de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo e Brasília: Marco Zero e EdUnB,1989.

GLAESER E.L. A world of cities: the causes and consequences of urbanization in poorer countries. **Journal of the European Economic Association**, 12: 1154–1199, 2015.

GOMES, Ângela Maria Silva. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: terreiros, quilombos e quintais da Grande BH**. Tese de doutorado em Geografia, Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

HAESBAERT, Rogerio. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

_____. “Identidades Territoriais”. In: ROSENDHAL, Z & CORRÊA, R. L. (Org). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 149-168.

IEF. Plano de manejo do Parque Estadual da Serra do Rola Moça, incluindo a Estação Ecológica de Fechos.Instituto Estadual de Florestas, Belo Horizonte, 2007

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA e ESTATÍSTICA (IBGE). 2018. Censo online. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ibirite/panorama> [Consulta: setembro, 2018].

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

MACEDO; Roberto Sidnei. **Etnopesquisa Crítica e Etnopesquisa-Formação**. Brasília: Ed. Liber Livro, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles”, in A. S. Moreira. **Sociedade global: cultura e religião**, Petrópolis, Vozes, 1998.

MARQUES, José Geraldo Wanderley. **Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. NUPAUB/USP, São Paulo, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe & RIBEIRO, Susana L. Salgado. **Guia Prático de História Oral**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

OAKLEY, Emily. “Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural”. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.

POEL, Francisco van der. **DICIONÁRIO DA RELIGIOSIDADE POPULAR: Cultura e religião no Brasil**. Curitiba, Ed Nossa Cultura, 1.152p. 2013.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

REIS, Wanderlene Cardozo; SANTOS, José Ferreira; BASTOS, Ana Cecília de Sousa; MARSICO, Giuseppina; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Encontros afetivos em quintais urbanos: Um estudo sobre famílias e sociabilidade no subúrbio ferroviário de Salvador (BA). **Ciências Sociais Unisinos**, Salvador – BA, v.54,n.1, p.60-69, 2018.

ROUNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, Universidade de São Paulo (USP), 2008a.

_____. 2008b. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: Edusp, 2008b.

SIMÕES, P.M.L & OLIVEIRA, C.V. “A alteração do uso do solo no município de Ibirité e consequências associadas”. **Revista Geografia**, n.5, v.1, 2009. p.50-66.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado. Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____, Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: THOMPSON, Paul. **Costumes em Comum**. p.267-304. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Víctor Manuel & ALARCÓN-CHÁIRES. Pablo. **La Etnoecología hoy: Panorama, avances, desafíos**. [México]: Artículos, Laboratorio de Etnoecología, Centro de Investigaciones, Universidad Nacional Autónoma de México, v.9 n.1. 2012.

TOLEDO, Víctor Manuel & BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. Tradução de Rosa L. Peralta. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TUBALDINI, M.A.S & E.F. RODRIGUES. **As relações Rurais-Urbanas em Área Metropolitana - Sustentabilidade e Meio Ambiente - Ibirité/MG**. Santiago, Chile: VIII EGAL (Encuentro de Geógrafos de América Latina). pp.1-9. 2001. (17-21 de março).

WEITZMAN, Rodica. "Mineiros no morro dos prazeres: Trajetórias de vida marcadas pelo fluxo entre a roça e a cidade". In: COMERFORD, J; CARNEIRO, A. & DAINESE, G (Org). **Giros Etnográficos em Minas Gerais: casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo**. 1ed. Rio de Janeiro: 7 Letras-Faperj, 2015. p. 205-231.

WOORTMAN, Klass. Migração, família e campesinato. **Revista brasileira de estudos de população**, v.7, n.1, p.35-53. 1990a.

_____. Com parente não se negoceia. O Campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico/87**, p.1- 73, 1990b.

SOBRE O ORGANIZADOR

Roque Ismael Da Costa Güllich - Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI (1999), Aperfeiçoamento em Biologia Geral: CAPES -UNIJUÍ (1999), Especialização em Educação e Interpretação Ambiental UFLA (2000), Mestrado em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ (2003) e Doutorado em Educação nas Ciências - UNIJUÍ (2012). Atualmente é professor da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus de Cerro Largo-RS, na área de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Ciências Biológicas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase na Formação de Professores de Ciências e Biologia, atuando na pesquisa, na extensão e na docência, principalmente nos seguintes temas: Ensino de Ciências e Biologia, Educar pela Pesquisa, Livro Didático, Currículo e Ensino de Ciências. Metodologia e Didática no Ensino de Ciências/Biologia. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Ciências e Biologia. Foi bolsista CAPES do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID, coordenando o subprojeto PIBIDCiências. Atualmente é bolsista SESu MEC como tutor do Programa de Educação Tutorial – PETCiências, é coordenador do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências – PPGEC – UFFS e é Editor chefe da Revista *Insignare Scientia* – RIS.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-102-2

